



- **Antropologia:**

- A construção da identidade, política e poder; religião e magia; gênero; família: matrimônio, sucessão e evolução; alimentação: mecanismos tradicionais e culturais.
- Comunidades tradicionais extrativistas e agrícolas. Comunidades quilombolas.: trabalho com o livro “Os índios antes do Brasil” e vídeos “Quilombo” e “Povo brasileiro” de Darcy Ribeiro.

Antônio Ruas:
Professor Universitário
– UERGS,

- **1. Introdução.**

- Os índios antes do Brasil:



- 1. Por que os escritos dos primeiros séculos da colonização devem ser lidos com cuidado?



- **I. Introdução.**

- **II. Os índios antes do Brasil:**

- 1. Por que os escritos dos primeiros séculos da colonização devem ser lidos com cuidado?

Carlos Fausto

Os Índios antes do Brasil

4ª edição


ZAHAR

Introdução

Imagine-se nas Américas no momento de sua “descoberta”. Imagine-se um membro da expedição de Colombo deixado, em 1492, na ilha de Hispaniola. Imagine que, trazido ao continente, você teve tempo de conhecer a América do Sul, de ponta a ponta, antes de Cabral aportar por aqui. O que teria visto? Como viveriam os índios? Quantos eram? Como se organizavam? Como eram suas aldeias? Quem eram seus chefes e especialistas religiosos? Como conduziam a guerra e cultivavam a paz? Estas são algumas das perguntas que este livro pretende enfrentar.

A tarefa não é fácil, pois você, leitor, se aqui esteve antes de Cabral, não nos deixou nenhum escrito. Para conhecer os índios antes do Brasil temos que recorrer às evidências fornecidas pela arqueologia e pela lingüística histórica, conhecer as descrições legadas pelos colonizadores e missionários dos séculos XVI e XVII e estudar as populações indígenas contemporâneas. Mas nem assim estamos em terreno seguro. As áreas tropicais colocam obstáculos consideráveis à arqueologia.



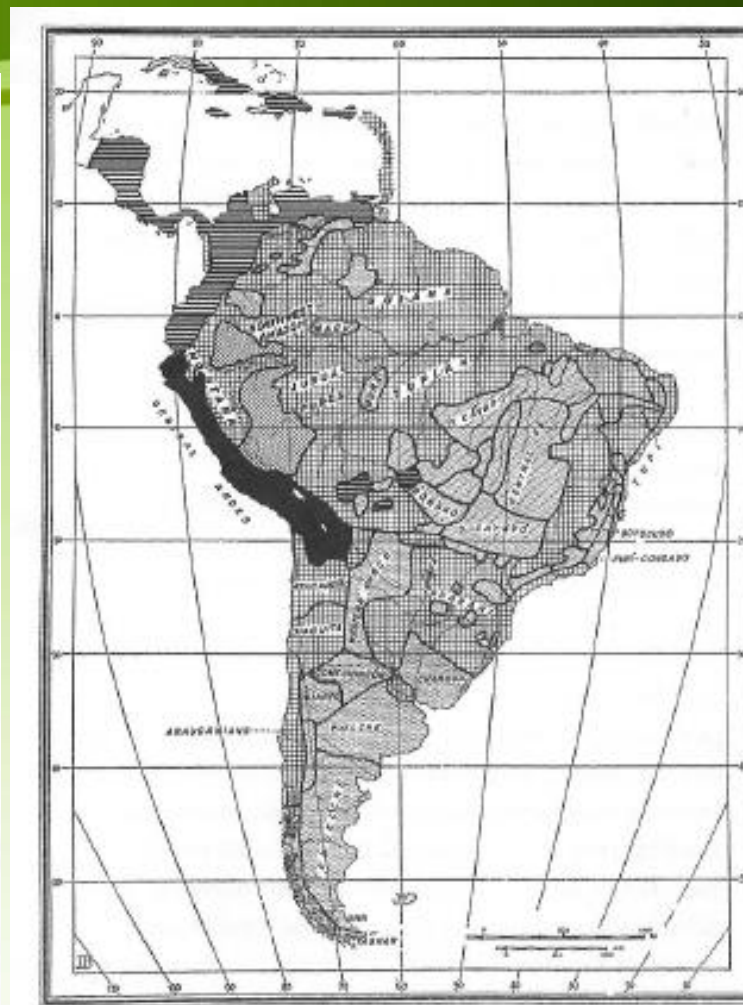
- **II. Os índios antes do Brasil:**
- 2. Por que vivemos numa ilha de conhecimento rodeada por um oceano de ignorância?

Uma visão continental é também necessária porque muitos dos modelos sobre a pré-história e a história do continente foram forjados a partir de uma oposição entre as terras altas e as baixas. De um lado, a grande formação montanhosa andina, que se ergue paralela à costa do Pacífico; de outro, todo o resto a leste (mas, principalmente, a floresta tropical). Oposição entre terrenos áridos e montanhosos, grandes escarpas, vales-oásis e costas secas, e uma floresta luxuriante, verde, densa e úmida. Nessas matas, porém, não floresceu uma civilização capaz de cultivar intensivamente o solo, domesticar animais, dominar a metalurgia e conhecer os ardis do poder; ao contrário, foi na aspereza andina que se ergueu um império, cujos traços ficaram marcados em pedra e metal.



- **II. Os índios antes do Brasil:**
- 2. Por que vivemos numa ilha de conhecimento rodeada por um oceano de ignorância?

Essa dicotomia está na base das hipóteses e questões sobre a América do Sul às vésperas da conquista. O mais influente modelo continental foi proposto pelo antropólogo norte-americano Julian Steward, na década de 1940, quando da publicação dos cinco volumes do *Handbook of South American Indians* [Guia dos Índios sul-americanos, referido daqui para frente como HSAI]. Para organizar a diversidade das culturas do continente, Steward propôs classificá-las em quatro grandes tipos, hierarquizados em função do nível de complexidade. A tipologia, embora utilizando um conjunto de traços variados, fundava-se em uma associação estreita entre ecologia, modo de produção e organização sociopolítica. A esses tipos corresponderia uma distribuição geográfica determinada, conforme se vê no mapa 1.



Mapa 1. Mapa da Distribuição dos Tipos Culturais da América do Sul segundo Julian Steward. Em preto, os Andes Centrais; em linhas horizontais, os cacicados do mar do Caribe; em xadrez, as tribos da floresta tropical; em pontilhado, os marginais. As linhas diagonais referem-se aos semi-marginais, categoria que o autor não elabora.



- **II. Os índios antes do Brasil:**
- 3. Por que a visão continental é necessária? Como e porque os indígenas brasileiros foram desqualificados? Uma visão cultural hierárquica como esta de Steward seguiria qual escola antropológica?

Por fim, no topo da classificação encontramos a civilização que se desenvolveu nos Andes Centrais e na costa do Pacífico e que teve como ponto culminante o império inca — uma experiência expansionista que durou cerca de cem anos antes de ruir com a chegada dos espanhóis. Populações densas, sistemas intensivos de produção agrícola, criação extensiva de animais, aparelho estatal desenvolvido com formas sofisticadas de administração pública e extração de tributos, estratificação social, especialização e desenvolvimento de técnicas como a metalurgia; tudo isso faria do mundo andino uma exceção frente às outras sociedades do continente.

Essa classificação quadripartite dos povos da América do Sul está na base de uma tipologia geral dos estágios de desenvolvimento sociopolítico, proposta por Elman Service em 1962. Service designou tais estágios bando, tribo, cacicado e estado, consagrando uma seqüência evolutiva até hoje influente na arqueologia. O modelo do HSAI acabou, assim, refraseado e generalizado na literatura posterior.



• II. Os índios antes do Brasil:

- O que Meggers propôs para as sociedades amazônicas e no que era baseado?
- Pg. 26-27. Porque a sociedade marajoara contradiz a idéia inicial sobre os povos amazônicos?
- Pg. 30- O que Carneiro, Lathrap e Roosevelt propuseram? Estavam de acordo com a visão antropológica ecológica?

Foram necessárias algumas décadas de pesquisas para que essa visão começasse a mudar. Até os anos 1970 ela foi dominante na antropologia do continente. Para isso contribuíram decisivamente os trabalhos da arqueóloga norte-americana Betty Meggers, cujo livro de síntese e divulgação chama-se, significativamente, *Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise* [Amazônia: a ilusão de um paraíso]. Ao mito do *El Dorado*, da floresta como um repositório desconhecido de vida e riquezas, Meggers contrapôs a imagem de um inferno verde, cuja pobreza em recursos naturais imporá limites estreitos ao desenvolvimento das culturas nativas.

Esposando um estrito determinismo ambiental, a autora propôs que a baixa fertilidade do solo teria impedido tanto o crescimento e o adensamento populacional quanto a fixação em um mesmo local, resultando daí uma existência móvel e uma ocupação espar-

sa dos territórios. Ambas as características teriam determinado a estagnação dos povos da floresta tropical no estágio de tribo.

A paisagem humana na Amazônia em 1500 d.C. pouco diferiria, assim, daquela descrita pelos etnólogos do século XX, mais de quatrocentos anos depois do início da colonização. Se você, leitor, tivesse de fato chegado aqui antes de Cabral e pudesse passear pela mata com salvo-conduto, encontraria então populações pouco expressivas e relativamente isoladas, vivendo em aldeias de pequeno porte e praticando uma agricultura itinerante baseada na mandioca.

As inúmeras escavações que Meggers e seus colaboradores realizaram nos anos 1950 e 60 pareciam confirmar a hipótese de que a floresta tropical é o hábitat por excelência de sociedades simples, igualitárias e de pequeno porte. Assim, completava-se o raciocínio: nós não tínhamos o que os incas tinham porque o incremento e adensamento populacional nas terras baixas teriam esbarrado na pobreza de recursos naturais, o que inibia o desenvolvimento de formas sociopolíticas complexas.

Alguns dados arqueológicos e etno-históricos, contudo, maculavam esse quadro. As evidências adversas concentravam-se nos formadores e na calha principal do rio Amazonas. Clifford Evans e Betty Meggers, já naquela época, escavaram em duas áreas que apresen-

II. Os índios antes do Brasil:

tam registros arqueológicos indicativos de complexificação social (entendida, nesse contexto, como processo de intensificação econômica, diferenciação social e centralização política): a bacia do rio Napo, um formador do Solimões que nasce na cordilheira equatoriana, e a ilha de Marajó, na foz do Amazonas.

A ilha, com uma área de quase 50 mil km², é arqueologicamente conhecida por grandes tesos, que ocorrem em sua porção centro-oriental. Os tesos são aterros artificiais construídos em campos inundáveis, com fins habitacionais, cerimoniais e/ou funerários; elevam-se de 3 a 20m acima da atual planície, tendo em média 7m de altura. Começaram a surgir no século IV d.C. e parecem ter sido erguidos em estágios sucessivos até o século XIII-XIV. A maioria possui de 1 a 3ha, mas chegam a ter dimensões bem maiores, em particular os sítios arqueológicos formados por um sistema de vários tesos (como o de Camutins, que possui uma área em torno de 50ha).

Anna Roosevelt, que coordenou um grande projeto arqueológico na região nos anos 1980, sugere que sobre os sítios maiores erguiam-se vilas de 1 a 5 mil habitantes, chegando a 10 mil onde havia múltiplos aterros articulados entre si — uma escala que seria, definitivamente, urbana. Sua estimativa para a população total na área é de 100 a 200 mil pessoas, correspondendo a uma densidade de 5 a 10 habitantes por km². Estes



• 1. Introdução.

- Os indígenas no vídeo O povo brasileiro.
- Poder, religião, magia, gênero, família.
- Podemos abordar estes temas com base neste documentário e como são tratados?
- Os quilombolas: poder, religião, magia, gênero, família. Debate sobre estes temas.

